

PELO MUNDO DE SAIAS: UMA LEITURA DA OBRA DE IDA PFEIFFER

*ON THE WORLD WITH SKIRTS: AN INTERPRETATION OF THE WORK
OF IDA PFEIFFER*

Gisele Jordana Eberspächer¹

RESUMO: Ida Pfeiffer (1797–1858) foi uma escritora austríaca que produziu cinco relatos de viagem para narrar suas experiências pelo mundo. Partindo da interpretação de Sara Mills, que defende que escritoras do período imperialista devem ser lidas de maneira diferente do que os autores do mesmo período por estarem inseridas em contextos sociais diferentes, o presente artigo propõe uma leitura que ressalta as principais características da obra da escritora austríaca, focando principalmente na narrativa de sua vinda ao Brasil em 1846.

Palavras-chave: relato de viagem; literatura austríaca; literatura escrita por mulheres.

ABSTRACT: Ida Pfeiffer (1797–1858) was an Austrian writer who signed five travelogues to narrate her experiences around the world. Based on the work of Sara Mills, who argues that women writers of the imperialist period should be read differently than the male authors of the same period because they are inserted in different social contexts, this article proposes a reading of Pfeiffer's work that highlights the main characteristics of the work of the Austrian writer, focusing mainly on the narrative of her experience in Brazil in 1846.

Keywords: travelogue; Austrian literature; literature written by women.

Ida Pfeiffer (1797–1858) foi uma viajante austríaca que chegou a dar duas voltas ao mundo. Deixou publicados cinco relatos de viagem, nos quais conta suas passagens por lugares como a Islândia, vários países da Ásia e até o Brasil. Cronologicamente, sua obra está inserida em um momento tardio do romantismo alemão, período no qual viagens e relatos de viagem eram valorizados culturalmente. Em diálogo com a

¹ Mestranda, UFPR.

tradição naturalista, a autora realizava descrições culturais e sociais dos lugares pelos quais passava, mostrando seu ponto de vista — como austríaca e como mulher — sobre o mundo.

No livro *Discourses of difference: an analysis of women's travel writing and Colonialism* (1991), a pesquisadora americana Sara Mills defende que a interpretação da escrita de mulheres viajantes do período imperialista (entre a segunda metade do século XIX e o começo do século XX) exige ferramentas teóricas diferentes daquelas já usadas para o discurso colonial, justamente porque as mulheres teriam um papel diferente no contexto de expansão imperialista, dominado pelos homens. O trabalho delas estaria, assim, suscetível a diferentes estruturas e pressões (MILLS, 1991, p. 18), como, por exemplo, a expectativa de que se comportassem de determinadas maneiras, de acordo com os costumes da época, ou ainda que não escrevessem sobre determinados assuntos. Mills defende ainda que, por não fazerem parte de um discurso imperialista dominante, as mulheres não assumiam a mesma postura de seus colegas homens em frente às "novas" civilizações, tendo uma voz menos assertiva sobre as verdades britânicas ou europeias. O resultado é, para Mills, uma escrita marcada por complexidade e paradoxos.

Partindo destes pressupostos, o presente artigo pretende apresentar a autora Ida Pfeiffer e propor uma interpretação de sua obra — focada nos sete primeiros capítulos do livro *Eine Frau fährt um die Welt* (1850), no qual a autora relata sua passagem pelo Brasil — mostrando quais são os mecanismos de escrita e construção narrativa que marcam o texto da viajante, que traz em seu relato observações sobre a própria história do país.

Ida Pfeiffer, *née* Ida Reyer, nasceu em Viena em 1797 e foi a terceira filha em uma família de seis irmãos. Segundo a pesquisadora portuguesa Sónia Serrano, a infância de Ida Pfeiffer

decorreu num ambiente masculino; era uma maria-rapaz encorajada pelo pai a adotar comportamentos à época mais apropriados para os homens. Trocava bonecas por uma espada, o recato da casa pelo desporto. Vestia-se como os irmãos e era mais um no meio deles. Essa infância idílica durou até a morte do pai, um comerciante vienense abastado, quando ela tinha 10 anos. A mãe, mais tradicional, obrigou-a ao trajar feminino e a aprender piano, o que originou desentendimentos entre as duas. (SERRANO, 2017, p. 255).

Em 1820, aos 22 anos, casou-se, por insistência e arranjo da mãe, com o advogado viúvo Mark Anton Pfeiffer, 24 anos mais velho do que ela. Ele tinha uma posição importante no governo austríaco, o que garantiria, segundo a mãe, uma estabilidade durante a vida da filha. Juntos, Ida e Mark tiveram dois filhos. Serrano (2017) relata, porém, que a esperada tranquilidade não durou: Mark Pfeiffer se viu em uma posição política delicada depois de ter denunciado um caso de corrupção. Sem o emprego de Mark, a família passou por profundas dificuldades financeiras. Como Mark não conseguia se reposicionar no mercado de trabalho, Ida precisou trabalhar, dando aulas de piano para conseguir sustentar os filhos. A situação se acalmou com a morte da mãe de Ida, o que lhe rendeu uma pequena herança com a qual ela conseguiu se fixar em Viena, lugar onde seus filhos tiveram acesso a uma educação de maior qualidade. Em 1833, o casal se separou informalmente; segundo a biógrafa de Pfeiffer, a pesquisadora austríaca Gabriele Habinger, "Não era falado abertamente, mas era claro que o casal seguia cada qual seu caminho" (2014, p. 26)².

² As traduções dos trechos citados da biografia de Ida Pfeiffer escrita por Gabriele Habinger, assim como os trechos da própria Ida Pfeiffer, são da autora do artigo.

Ida se viu livre para mudar sua vida em 1842, aos 45 anos de idade. Com seus filhos já crescidos e independentes, resolve seguir o sonho que lhe acompanhava desde os anos de juventude: conhecer "regiões distantes" e "costumes estranhos". Segundo Habinger, "uma coisa é clara: ela viajaria sozinha. Seu marido de quase 70 anos de idade já era velho demais para acompanhá-la. E, provavelmente, depois de quase uma década separados, ela também não gostaria de tê-lo ao seu lado" (2014, p. 28). Após vender seus poucos pertences e ter feito um testamento (viajar era uma ousadia tão grande que não acreditava que voltaria em vida), Ida Pfeiffer se pôs a viajar.

Entre 1842 e 1858, ano da sua morte, Pfeiffer realiza cinco grandes viagens, sendo que duas delas foram voltas ao mundo. Sua obra se constitui a partir dessas experiências. Suas narrativas de viagem, publicadas a partir de 1844, chegaram a se tornar *best-sellers* na Áustria do período (HABINGER, 2014).

Pfeiffer elege o Oriente Médio e o norte da África como seus primeiros destinos. Ela visitou cidades como Istambul, Jerusalém e Cairo, descreveu o Mar Morto e ainda passou pela Itália no caminho de volta. Suas memórias dessa primeira experiência foram publicadas no livro *Reise einer Wienerin in das Heilige Land* (Viagem de uma vienense à terra sagrada), publicado em 1844. Somente a quarta edição do livro, de 1846, apresentou Ida Pfeiffer como autora do livro (até então seu nome não assinava as edições). A publicação não era o objetivo inicial da viagem, ao contrário, foi incentivada pelo editor Jakob Dirnböck, que soube da vienense que se pusera a viajar sozinha e acreditou que o texto teria algum espaço no mercado editorial da época. Pfeiffer a princípio hesitou por vários motivos: fizera anotações durante a viagem, mas apenas para uso próprio; tinha vergonha e insegurança com relação a sua escrita e se perguntava o que sua família acharia (HABINGER, 2014). Foi convencida, porém, pela vantagem que o dinheiro obtido com a venda dos livros lhe traria: o financiamento de sua próxima viagem. Sua segunda experiência, desta vez no norte da Europa, foi

publicada em 1846 com o título *Reise nach dem skandinavischen Norden und der Insel Island* (Viagem ao Norte Escandinavo e à Islândia). Não nascia apenas uma viajante: nascia também uma escritora.

O próximo passo de Pfeiffer foi planejar sua volta ao mundo. A jornada começa em 1846 e sua primeira parada foi o Rio de Janeiro (seus relatos mostram um susto e uma certa decepção com o que encontrou). A autora volta para a Áustria em 1848 e publica o livro *Eine Frauenfahrt um die Welt (Reise von Wien nach Brasilien, Chili, Otahaiti, China, Ost-Indien, Persien und Kleinasien)* — Uma mulher viaja pelo mundo (Viagem de Viena para o Brasil, Chile, Haiti, China, Índia, Pérsia e Ásia Menor). Esse livro faz com que Pfeiffer alcance mais leitores, tanto que, a partir de esse momento, começa a receber algumas ofertas de governos e empresas para financiar suas próximas viagens.

Sua viagem seguinte também foi uma volta ao mundo, realizada entre os anos de 1851 e 1855 — Ida Pfeiffer tinha então 54 anos de idade. O registro, publicado em 1856, é intitulado *Meine Zweite Weltreise (Von Wien nach London, Singapore, Borneo, Java, Sumatra, Celebes, Die Molukken, Kalifornien, Peru, Ecuador und Vereinigte Staaten von Nordamerika)* — Minha segunda viagem ao redor do mundo (De Viena para Londres, Singapura, Bornéu, Java, Sumatra, Celebes, Ilhas Molucas, Califórnia, Peru, Equador e EUA).

Além dos relatos, Ida Pfeiffer começa também uma pequena coleção de itens, naturais ou manufaturados, que trouxera de suas viagens. Como resultado do seu trabalho, ela é convidada para participar das sociedades geográficas de Berlim e Paris, que se ocupavam de pesquisar e relatar o mundo. A venda desses objetos para colecionadores e museus também foi uma das maneiras com as quais financiou suas viagens. Habinger (2014) afirma que era difícil para mulheres do período conseguirem reconhecimento como pesquisadoras de viagem, mas que Pfeiffer conseguiu ser

valorizada em círculos acadêmicos e que suas coleções podem ser encontradas nos museus europeus até hoje.

A última viagem da austríaca começa em 1856 — sua vontade era chegar à Oceania. Começa pelas Ilhas Maurício e então vai para Madagascar — onde contrai malária e fica muito doente. Ao invés de continuar seu destino, volta para a Áustria, onde morre em outubro de 1858. Seu último livro, *Reise nach Madagaskar* (Viagem a Madagascar), é publicado postumamente por Oscar Pfeiffer, filho da autora.

Considerando-se o interesse maior na narrativa que a autora faz dos seus meses no Brasil, me detenho a fazer, a seguir, uma descrição mais detalhada dos cinco primeiros capítulos do livro *Eine Frauenfahrt um die Welt* (1850). Além disso, tomo os trechos selecionados como exemplares do estilo da autora, pois, acredito, mostram os principais temas de sua obra.

O primeiro capítulo do livro, "Viagem ao Brasil", descreve o começo da jornada de Pfeiffer e sua locomoção ao longo de meses em um navio que parte de Hamburgo em direção ao Rio de Janeiro. Sua narrativa, nesse momento, é permeada por dicas de viagem (uma característica marcada de sua obra). Ela dá conselhos para futuros passageiros sobre, por exemplo, a alimentação a bordo e que tipo de comida ela recomenda que se leve na bagagem, assim como informações sobre roupa de cama e outros itens pessoais. O primeiro capítulo é marcado também por descrições e dados numéricos: a velocidade e o funcionamento do barco, os outros passageiros no navio, o clima e as mudanças de paisagem observadas durante a jornada.

Em uma passagem que considero particularmente curiosa, Pfeiffer relata já ter conversado com outros passageiros sobre o momento de cruzar o Equador — o que gerava uma ansiedade generalizada, já que representaria, no imaginário de muitos, um momento quase místico. A autora, porém, se decepciona e escreve seu relato com certa ironia:

De minha parte, eu já celebrava as trágicas histórias que poderia contar para os meus leitores; eu já esperava suas lágrimas durante a narrativa dos vários sofrimentos que experienciamos, e eu me assemelharia a um mártir. Mas! Como fui enganada. Todos permanecemos em ótima saúde; nenhum marinheiro se afogou em exaustão; o navio não pegou fogo; e nossas provisões não se estragaram — apenas permaneceram tão ruins quanto eram antes. (PFEIFFER, 1850, p. 21).

O capítulo se encerra com a chegada do navio ao Rio de Janeiro. No capítulo seguinte, "Chegada e estadia no Rio de Janeiro", Ida Pfeiffer se dedica a narrar sua experiência durante os dois meses que passou na cidade, assim como suas opiniões sobre a sociedade que ali se encontrava. Suas primeiras impressões sobre o Rio são péssimas:

Nós desembarcamos na *Praya dos Mineiros*, uma praça suja e repulsiva povoada por algumas dúzias de pretos sujos e repulsivos, acorados no chão gritando a todo pulmão as ofertas das frutas e dos doces que vendiam. — De lá fomos direto para a rua principal (*Rua Direita*), cuja única beleza é a largura. Ela contém várias construções públicas, como a Alfândega, os Correios, a Bolsa, a Guarda e outros, que são, porém, tão modestos que nem seriam notados caso um aglomerado de pessoas não estivesse sempre em sua frente. (PFEIFFER, 1850, p. 30).

Entre suas observações, comenta também a questão do trabalho realizado pelos escravos negros e sua impressão sobre a questão da escravidão. Ainda que se posicione contrária à escravidão, a autora menciona que a qualidade de vida dos escravos negros era por vezes melhor do que a de trabalhadores que encontrou no Egito, por exemplo. Em outro momento, afirma que a cultura negra parece ser menor, mas apenas porque eles não têm acesso à educação (ou seja, que essa "minoridade" não é intrínseca, e sim contextual). O segundo capítulo conta ainda com descrições das praças e do comércio do Rio de Janeiro, além de questões práticas, como iluminação, saneamento e transporte; e ainda aborda questões culturais, como museus, festivais e festas públicas e questões naturais, como clima.

No terceiro capítulo, "Excursões pelas Vizinhanças do Rio de Janeiro", a autora relata alguns passeios que realizou em regiões próximas à cidade, como a área do Jardim Botânico (ainda que o parque esteja hoje em uma localização relativamente central na cidade, dada a expansão urbana ocorrida no último século, na época a distância entre ele, o centro e a região do porto era considerável e constituía uma pequena viagem) e a colônia alemã de Petrópolis.

"Jornada pelo interior do Brasil", o quarto capítulo do livro, narra a jornada de Pfeiffer por regiões "não civilizadas" e seu encontro com os povos nativos do Brasil. Durante o caminho, teve a oportunidade de conhecer Herr Beske, um naturalista alemão que morava no interior do Brasil com sua esposa para pesquisar a fauna e a flora locais. A autora teve também uma espécie de panorama dos ciclos econômicos herdados do Brasil Colônia, podendo conhecer uma plantação de café, um sítio de mineração de ouro e uma plantação de cana-de-açúcar. Em muitas dessas paradas, Pfeiffer era hospedada por donos de fazendas, sem pagar nada, dependendo da boa vontade das pessoas que encontrava pelo caminho. O objetivo da autora era alcançar uma tribo indígena, o que realiza depois de dias de viagem a pé pelo mato. "Eu visitei as cabanas de todos os selvagens e, como meus guias tinham criado uma imagem de mim como uma mulher de grande conhecimento, todos me pediram conselhos para o benefício dos que estavam doentes" (PFEIFFER, 1850, p. 103), afirma. Como chegou perto do anoitecer, a autora foi convidada a passar a noite na tribo, hospedada dentro de uma das cabanas. Seu relato inclui a descrição do jantar (carne de macaco e papagaio) e das danças que os índios realizaram para ela. Pfeiffer abrevia seu relato, terminando o capítulo dizendo apenas que a viagem de retorno correu bem.

O relato da estadia da autora no Brasil se encerra no capítulo cinco, "Travessia do Cabo Horn", no qual narra sua breve passagem por Santos e São Paulo e sua chegada em Valparaíso.

No seu livro *Mulheres Viajantes*, a pesquisadora portuguesa Sónia Serrano (2017) se debruça sobre a história de várias mulheres que viajaram pelo mundo. Sobre Pfeiffer, a portuguesa diz que, apesar de ter sido uma mulher extraordinária, não era a mais divertida ou graciosa entre as viajantes. "É comum julgá-la numa perspectiva pouco simpática, talvez porque os seus escritos aparecem carregados em impiedosas descrições muito pouco amáveis para os objetos de análise, sejam eles povos, pessoas, cidades, meios de transporte, paisagens" (p. 254). Serrano afirma ainda que considera o estilo de Pfeiffer cru, direto e objetivo.

Pfeiffer constrói sua obra a partir de, principalmente, descrições — de povos, lugares, fauna e flora, costumes, etc. — e, em segundo lugar, narrativas de eventos e episódios específicos, usando sempre uma narrativa em primeira pessoa. Com uso de muitos adjetivos e advérbios, raramente esconde sua percepção dos locais que a cercam. Seu texto é, assim, baseado em experiências e opiniões pessoais, como ela própria ressalta explicitamente em alguns momentos. Um dos exemplos é o seguinte trecho, já no prefácio do livro: "Sou capaz apenas de contar de forma simples o que vi e o que presenciei. Se faço algum julgamento, o faço considerando apenas o ponto de vista da minha própria experiência pessoal" (PFEIFFER, 1850, p. 02). A questão do ponto de vista narrativo, que é invariavelmente o da própria autora, é uma das características principais da sua obra. Um exemplo:

Das demais ruas, a *Rua Misericórdia* e a *Rua Ouvidor* são ainda as mais interessantes, sendo que a última contém empórios maiores e melhores, embora não se deva esperar encontrar nem vitrines tão belas quanto as das cidades europeias, nem nada particularmente bonito ou valioso. Só o que chamou a minha atenção foram as lojas de flores, nas quais estavam as mais maravilhosas flores, feitas de penas de pássaros, escamas de peixes e asas de besouros. (PFEIFFER, 1850, p. 31).

Nesse caso, a autora faz questão de ressaltar que as lojas de artesanato chamaram a atenção *dela*. Um dos motivos possíveis para a opção de marcar constantemente o "eu" em suas descrições é o fato de ela ser uma autora mulher que, por não se encaixar completamente no modelo praticado pelos autores homens de seu tempo (ser um naturalista exigia um conhecimento formal ao qual Pfeiffer não teve acesso por ser mulher), precisava buscar um espaço alternativo na literatura, como descrever cidades e comentar questões urbanas e sociais. Marcar constantemente um "eu" funciona como um lembrete para o leitor de que se trata de um livro escrito por uma mulher e que isso deve ser levado em consideração durante a leitura. O exemplo acima pode parecer simplório, mas a característica fica muito mais explícita no trecho abaixo, no qual ela opina sobre a escravidão e a maneira com que os negros escravizados eram tratados na sociedade brasileira:

Entre a chamada classe educada local, existem muitos que, apesar das muitas provas de capacidade mecânica e inteligência geral mostradas com frequência pelos negros, insistem em afirmar que eles são inferiores aos brancos em poder mental, tanto que só poderiam ser considerados como uma ligação entre a tribo dos macacos e a raça humana. Eu admito que eles estão um pouco atrás dos brancos em formação; mas acredito que isso não se deva a uma falta de compreensão, mas sim da falta completa de acesso à educação. Nenhuma escola é erguida para eles, eles não assistem nenhuma aula; não se oferece o mínimo para desenvolver suas capacidades. Suas mentes são mantidas aprisionadas, como era o caso em países antigos déspotas, já que o despertar deste povo deve deixar os brancos com medo. Eles são quatro vezes mais numerosos que os últimos e, se se tornarem conscientes desta discrepância, os brancos facilmente ocupariam a posição que os infelizes negros ocuparam até então. Mas me perco em suposições e ensaios que podem, talvez, pertencer à pena de um homem educado, mas certamente não à minha, já que não tenho formação suficiente para tal; meu objetivo é apenas apresentar o que vi. (PFEIFFER, 1850, p. 35-36).

Para a pesquisadora Monika Fischer, isso se dá pela leitura ambígua que a própria Pfeiffer faz das sociedades, por ocupar, ao mesmo tempo, um espaço privilegiado (enquanto europeia) e marginal (enquanto mulher). "Ida Pfeiffer

apresenta atitudes e reforça estereótipos ao ver com uma mente europeia, mas sua 'canção' escrita revela com frequência um mundo desconhecido aberto a novas perspectivas sobre culturas diferentes assim como papéis de gênero"³ (FISCHER, 2016, p. 70, tradução nossa). É justamente essa posição ambivalente que permite que a autora faça um comentário crítico à escravidão, ao mesmo tempo que não a impede de também passar por um choque cultural e apresentar uma atitude racista em relação aos negros. Além disso, o fato de a autora ser mulher traria, segundo Fischer (2016), uma outra característica à obra: uma descrição mais voltada para questões culturais e sociais, e não naturais e científicas (como faziam os naturalistas). Sem acesso a uma educação formal, as mulheres não poderiam fazer o que eles faziam, por isso voltavam seu olhar para outros pontos de interesse.

Em termos de gênero narrativo, a literatura de viagem é tida como um gênero misto (LUBRICH, 2010), composto de relato pessoal e ficção e no qual o autor é também narrador da própria história. Assim, não existe um formato fixo em que é escrito — Cecília Meireles escreveu relatos de viagem em formato de poemas, Ina von Binzer os escreveu em formato de cartas e assim por diante. Pfeiffer traz certa alternância entre os capítulos. O diário, gênero que atrela acontecimentos a datas específicas usando a cronologia como organização do conteúdo, é usado nos capítulos em que a autora se dedica à descrição das viagens de barco ou pequenas excursões; a marcação da data tem em parte a função de marcar a passagem do tempo. Um exemplo é o começo do primeiro capítulo: "No dia 01 de maio de 1846, parti de Viena e fui, com exceção de algumas paradas em Praga, Dresden e Leipzig, direto para Hamburgo, onde embarcaria para o Brasil" (PFEIFFER, 1850, p. 01). Nos demais capítulos, como o capítulo em que ela se dedica a descrever suas impressões sobre a cidade do Rio de Janeiro, sua narrativa deixa de ser organizada cronologicamente e

³ No original: "Ida Pfeiffer exhibits attitudes and enforces stereotypes by seeing with an European mind but her written 'song' often reveals an unknown world open to new perspectives on different cultures as well as gender roles." (FISCHER, 2016, p. 70).

passa a ser organizada tematicamente, mudança que é indicada ao leitor pela própria autora: "Mas não quero cansar meu leitor com uma lista completa de todos os acontecimentos cotidianos e insignificantes — descreverei apenas as maravilhas gerais da cidade e as maneiras e costumes de seus moradores, da mesma forma que tive a oportunidade de conhecer durante minha estadia" (PFEIFFER, 1850, p. 29). Assim, ela passa a descrever suas impressões gerais da cidade sem considerar a ordem ou as situações em que ocorreram. A autora opta também por marcar somente a data de acontecimentos importantes, como o batizado da princesa ou o aniversário do imperador, mas ignora as datas dos eventos cotidianos e apresenta, em contrapartida, descrições colhidas ao longo dos dois meses que passou no país.

Ainda considerando o gênero narrativo, o estilo da autora se assemelha, às vezes, ao que hoje entendemos como guias de viagem. Em trechos específicos ela dá dicas práticas para possíveis viajantes que percorram trajetos semelhantes. Um exemplo é quando ela está na jornada de barco até o Brasil:

Para melhorar a qualidade da comida, especialmente em viagens longas, é recomendável levar alguns itens para complementar o cardápio do navio. Os mais adequados são caldo de carne e torradas finas — ambos devem ser armazenados em latas para evitar que fiquem úmidos ou entrem em contato com insetos —, uma quantidade razoável de ovos que, caso a viagem seja até o hemisfério sul, devem ser mergulhados em um recipiente com água ou embalados em pó de carvão, além de arroz, batatas, açúcar, manteiga e todos os ingredientes necessários para se fazer uma sopa de vinho e uma salada de batatas. A primeira fortalece, a segunda refresca. Aqueles que viajam com crianças fariam bem em viajar com uma cabra. (PFEIFFER, 1850, p. 04).

Outros exemplos desse tipo de estrutura são as dicas de hospedagem e lugares de alimentação e seus preços, além da descrição de alguns costumes típicos que poderiam ajudar os viajantes a se relacionar melhor com os habitantes locais, como a maneira adequada de se pedir hospedagem para fazendeiros quando hotéis ou pousadas não estão disponíveis. Porém, ainda que essas informações e esse formato sejam parte da obra da autora, não é possível afirmar que a obra dela seria

completamente um guia de viagem, justamente porque apresenta tantas outras características e descrições.

Outra marca presente na escrita da autora é a constante comparação que faz entre as culturas que conhece e a Europa. Um exemplo: "As casas são construídas com um estilo europeu, mas são pequenas e insignificantes" (PFEIFFER, 1850, p. 38). Pequenas comparações como essa são frequentes na descrição de pessoas, espaços e costumes. De certa forma, é uma maneira de construir uma imagem para o leitor, presumidamente europeu, que se dá pela diferença; retomando o conhecido e apontando o que se assemelha ou difere dele.

Além das comparações explícitas, Pfeiffer usa também estruturas em que os paralelos se dão de maneira mais discreta, ainda que estejam fortemente presentes. É o caso da sua descrição da *Praya dos Mineiros*, apresentada anteriormente neste mesmo artigo. Neste trecho, gostaria de ressaltar a expressão "suja e repulsiva". Ora, a autora opta por destacar esta característica em particular porque difere do seu padrão para a palavra "praça" e que supôs que seria compartilhada por seus leitores. É uma praça — *tal qual as europeias* — exceto que é suja e repulsiva. A repetição dos adjetivos "sujo" e "repulsivo" também para a descrição dos negros mostra o choque de cultura e, novamente, se dá pela diferença, já que faz com que eles se pareçam mais com animais do que com as pessoas que de fato são. Esse tipo de comparação, que chamo de indireta, está presente em diversos momentos e ressalta como esse tipo de narrativa se constrói, necessariamente, a partir do ponto de vista do autor da descrição; ao contrário de outras narrativas, como o romance, que podem ser compostos por diferentes vozes e pontos de vista, um relato de viagem é restrito às observações daquele que narra.

A comparação não se dá apenas entre impressões concretas da autora sobre as duas realidades, mas também entre as expectativas que tinha ou os imaginários europeus acerca do Brasil e o que ela de fato encontra no país. Para exemplificar,

apresento um trecho problemático da narrativa de Pfeiffer. Um dos aspectos mais polêmicos da descrição do Brasil feita pela autora é, provavelmente, a maneira de descrever negros e indígenas, referindo-se a eles frequentemente como "feios". A experiência da autora no Brasil é, possivelmente, o primeiro contato dela com culturas mais distantes da europeia (sua viagem anterior mais longa fora ao Oriente Médio), e o choque de cultura e a maneira eurocêntrica de ver o mundo explicam, ao menos em parte, a postura que hoje considerariamos politicamente incorreta da autora — considerada padrão para a sua época. Em vários momentos, porém, Pfeiffer se posiciona contrária à escravidão e defende que os escravizados deveriam ter acesso a uma educação de qualidade. No trecho a seguir, por exemplo, a autora se surpreende com a capacidade de alguns escravos de trabalharem com a manufatura de diversos objetos, comparando essa imagem com o que se acreditava na Europa:

No Brasil, todos os tipos de trabalhos pesados e sujos, internos ou externos, são realizados pelos negros, que ocupam, na realidade, o espaço das classes mais baixas. Muitos, porém, aprendem alguns ofícios, e com frequência são comparáveis aos mais talentosos europeus. Vi negros trabalhando na maioria das lojas elegantes, produzindo roupas, sapatos, tapetes e artigos em ouro ou prata; e conheci várias negras com roupas finas produzindo os vestidos mais belos, com bordados delicados. Com frequência achei que estava sonhando, quando contemplei essas pobres criaturas, que eu imaginava que estariam em suas florestas nativas, exercendo tais ocupações em lojas e cômodos! (PFEIFFER, 1850, p. 34-35).

Nesse parágrafo, fica visível que a realidade brasileira não corresponde à expectativa da autora que está, por sua vez, baseada em crenças compartilhadas pela própria sociedade da qual ela vem. Ela se surpreende com os escravizados e sua capacidade de viver e produzir em sociedade — ao contrário de uma imagem similar a "animais" tida por ela até então e presente no trecho apresentado anteriormente. Usando narrativamente uma comparação entre as realidades vistas tanto na Europa como no Brasil e a expectativa que tinha, a autora vê na cena uma semelhança bem maior entre esse "outro" e ela mesma do que provavelmente esperava. Essa percepção

inspira alguns dos seus comentários posteriores supracitados neste artigo, nos quais ela afirma que a cultura intelectual dos negros é menor não por falta de capacidade intelectual, mas por conta da negligência com sua educação e defende então um acesso mais igualitário ao ensino.

Esse artifício tem também um grande impacto na formação de Pfeiffer como narradora. Ao contrapor constantemente sua percepção com um imaginário já existente, ela se afirma como um par de olhos mais frescos para seus leitores, já que pode recriar as descrições de uma dada realidade, mudando ou acrescentando informações ao que já era conhecido. Assim, cria uma oposição capaz de diferenciar e destacar seu trabalho para quem a lê. Contudo, ao mesmo tempo não nega completamente esse imaginário, dialogando constantemente com ele, o que torna seu relato mais verossímil e simpático. Como Flora Süssekind (1990) afirma, o viajante se pretende um narrador confiável — e o estilo de Pfeiffer com frequência converge para isso.

Há ainda outra característica que marca a obra de Pfeiffer, que é a presença de uma certa ironia em alguns momentos. No prefácio do livro, a autora afirma não ter um humor para ser considerada uma boa escritora: "Por um lado, tenho pouca sutileza e humor para considerar minha escrita criativa; por outro, tenho pouco conhecimento para conseguir interpretar corretamente as experiências que vivi" (PFEIFFER, 1850, p. 1), mas isso não parece ser o caso durante a leitura do livro. Certa ironia aparece, por exemplo, no trecho já citado neste artigo sobre como imaginou que seria a travessia da linha do Equador, ou ainda quando descreve o Largo de St. Anna, praça na qual se encontravam várias lavadeiras — referidas pela autora como "nobre corporação das lavadeiras" (PFEIFFER, 1850, p. 31). Seu último comentário sobre o espaço é: "Na praça há tanta lavagem e secagem, gritaria e barulheira, que se fica aliviado em deixá-la para trás" (PFEIFFER, 1850, p. 32). Ainda que não seja a característica mais marcada de sua obra, com certeza não lhe falta humor.

Em sua pesquisa sobre as autoras de viagem britânicas do período imperialista, Sara Mills afirma:

Para uma leitora feminista na década de 90, os textos são uma mistura do completamente prazeroso (narrativas de aventura retratando personagens femininas fortes e criativas em situações dificilmente encontradas na literatura do período) e do quase insuportável (são racistas, têm a preocupação constante de apresentar a narração como feminina, com longas descrições de ambientes domésticos). É justamente essa dificuldade de interpretação que me interessa.⁴ (MILLS, 1991, p. 20, tradução nossa).

Essa mistura está certamente presente na obra de Pfeiffer: seus escritos revelam uma mulher disposta a ir aonde poucas se atreviam e a entrar em contato com diversas realidades, mesmo quando estas lhe eram muito diferentes; suas aventuras revelam um espírito curioso e inquieto. Ao mesmo tempo, mostram seus preconceitos e a maneira com que era invariavelmente imperialista e etnocêntrica.

Viajar de saias certamente não foi fácil — Pfeiffer teve que lidar com muitas críticas, principalmente públicas (em jornais e revistas, por exemplo). Segundo Habinger (2014), "Por conta de suas atividades indecorosas, as mulheres viajantes estavam, não raro, sujeitas a zombarias e desprezo por parte de críticos e críticas" (p. 9). Além disso, Pfeiffer teve de se justificar em diversos momentos, incluindo "desculpas" em quase todos os prefácios de seus livros. Seu percurso, a própria autora afirma no livro *Reise nach dem skandinavischen Norden und der Insel Island* (Viagem ao Norte Escandinavo e à Islândia), teria sido mais fácil se fosse homem, já que mais oportunidades estariam abertas.

⁴ No original: "For a feminist reader in the 1990s, the texts are a mixture of the thoroughly enjoyable (adventure narratives depicting strong, resourceful, women characters in situations rarely found in literature of the period) and the almost impossible (the racism, the concern to present the narrator as feminine, and the lengthy descriptions of the domestic). It is precisely this difficulty of interpretation which I find of interest."⁴ (MILLS, 1991, p. 20).

Mesmo sem oportunidade de educação e com as dificuldades práticas de se viajar nesse período, ainda mais por ser mulher, Pfeiffer desafiou os costumes do seu tempo, saiu de casa e foi para o mundo. A viagem foi a maneira que a autora encontrou para se formar como indivíduo, uma proposta que ela repassa aos seus leitores ao publicar seus escritos. Todavia, justamente por seu contexto de produção, é capaz de criar uma obra que difere de outras do período, criando um estilo particular capaz de dar conta da experiência única de viajar de saias.

REFERÊNCIAS

FISCHER, Monika. "Cultural Memory and Travel Writing: the case of Ida Pfeiffer". In: *International Journal of Arts and Humanities*, Nova York, v. 2, n. 4, p. 64-74, ago. 2016.

HABINGER, Gabriele. *Eine Wiener Biedermeierdame erobert die Welt: Die Lebensgeschichte der Ida Pfeiffer*. Viena: Promedia Verlag, 2014.

LUBRICH, Oliver. "Alexander von Humboldt: Revolucionando a Literatura de Viagem". In *Floema*, v. 6, n. 6, p. 31-71, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/viewFile/499/538>>. Acesso em 27 ago. 2017.

MILLS, Sara. *Discourses of difference: an analysis of women's travel writing*. Londres/Nova York: Routledge, 1991.

PFEIFFER, Ida. *Eine Frauenfahrt um die Welt. Reise von Wien nach Brasilien, Chili, Otahaiti, China, Ost-Indien, Persien und Aleinasten*. Viena: Verlag von Carl Herold, 1850.

_____. *Reise nach dem skandinavischen Norden und der Insel Island*. S.L.: e-artnow, 2015. [e-book]

SERRANO, Sónia. *Mulheres Viajantes*. Lisboa: Tinta da China, 2017.

SÜSSEKING, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Recebido em 10/08/2019

Aceito em 10/09/2019